



linguagem: um vasto universo

Para muito além das aulas de português, inglês e espanhol, se expressar bem e se fazer entender são habilidades presentes em muitos outros âmbitos e disciplinas

LINGUAGENS: TEXTO, IMAGENS, CÓDIGOS, GESTOS E SÍMBOLOS



EDUCAÇÃO

linguagem: um vasto universo

linguagens: texto, imagens, códigos, gestos e símbolos

Para muito além das aulas de português, inglês e espanhol, se expressar bem e se fazer entender são habilidades presentes em muitos outros âmbitos e disciplinas

Vamos conversar?	3
A fala e a escrita	3
A linguagem do corpo: os gestos e a dança	5
Explorações audiovisuais	6
A Linguagem Digital	7
Por que o método VOA está de olho nisso?	8
Para finalizar...	8

Hoje a nossa conversa é sobre mais um tema das **Perguntas do Zeca**, nosso assistente virtual. Ele interage com os professores para incentivar e facilitar a coleta de informações

socioemocionais dos alunos, e o foco desta semana é **Linguagens: textos, imagens, códigos, gestos e símbolos**.

Vamos conversar?

Sim! Vamos conversar! Mas como? Bem, aqui estamos nos comunicando através de um texto - uma maneira bem tradicional de expressão de linguagem, adequada a uma certa dose de modernização e tecnologia, já que estamos produzindo em um computador e você pode estar lendo ou de outro computador ou até de um celular. Em nosso meio social atual, isso já é comum, mas há não muito tempo não era, e esse é um indício fortíssimo de como a linguagem e suas formas de expressão são vivas e estão sempre se transformando.

A fala e a escrita são formas de linguagem bastante conhecidas, mas temos ainda muitas outras, mais antigas e mais atuais, como os desenhos, a dança, os gestos, o audiovisual, os símbolos e a linguagem de programação.

Saber se expressar e se colocar de forma a ser entendido é de extrema importância na vida pessoal e profissional de um indivíduo, e trabalhar essas diferentes formas de linguagem vêm sendo um dos focos da **BNCC**. Se antes o aluno precisava sair da escola com a capacidade de escrever um bom texto argumentativo, hoje muitas escolas já treinam seus alunos para saberem se comunicar através de fotos, vídeos e algumas, até, através dos códigos e softwares. A **alfabetização digital** está cada vez mais em alta e é um diferencial de algumas escolas garantir que o aluno saia fluente nessa linguagem.

Essas diferentes formas de linguagem abrem um leque muito maior aos alunos de hoje, que encontram novas possibilidades de expressão antes não imaginadas. É importante exercitar todas elas, mas é bacana também a ideia de que um jovem descubra a sua forma favorita de expressão. Ele pode não ser um escritor que vai se tornar o novo Umberto Eco, mas ser a próxima Isadora Duncan ou o futuro Mark Zuckerberg. Cada indivíduo tem a chance de encontrar a sua linguagem principal.

A fala e a escrita

Na fala, o emissor da mensagem utiliza de seu vocabulário para se expressar oralmente. Quando essa expressão acontece pessoalmente, ele pode se respaldar em outros códigos como o gestual, as expressões faciais e as interações com o meio. No caso da fala através de um telefone, por exemplo, ele perde alguns desses respaldos e precisa tomar mais cuidado com a entonação de sua voz, para que a mensagem seja o mais clara possível.

Na escrita a comunicação fica um pouco mais delicada, porque o emissor precisa se basear apenas no seu vocabulário e conseguir estruturar, através dele, toda a mensagem que se quer

passar. Ambas as formas contam, é claro, com uma multiplicidade de formatos. Podem ser formais ou casuais, factuais ou ficcionais, literais ou interpretativas. Muitas vezes, as aulas de redação na escola são um monstro de sete cabeças na visão dos alunos, que podem encontrar bastante dificuldade com a estruturação da escrita. O quesito da redação, no vestibular, também é encarado por muitos como o grande fantasma da prova. O professor precisa quebrar essa barreira ensinando que o texto é comunicação e expressão. O aluno precisa confiar em sua capacidade de se expressar de forma coesa e original para produzir boas peças, sejam elas informativas, argumentativas ou até literárias.

Letícia Pilger é formada em letras e dá aula de literatura e redação em cursinhos preparatórios de vestibular e de concursos. Ela nos contou um pouco sobre como trabalha a construção da escrita com seus alunos:

“A produção textual é uma das disciplinas mais difíceis de trabalhar porque a prática da escrita não é fácil e demanda muito a implicação da subjetividade. Os alunos costumam ter dificuldade em aceitar críticas aos seus textos e de perceber as inadequações deles, e muitas vezes levam para o pessoal. É necessário fazer com que eles saibam separar as coisas e entendam que a escrita é uma de suas expressões, mas que pode ser repensada e melhorada sem que isso queira dizer que suas ideias e suas formas de se expressar estejam, particularmente, equivocadas.

A prática da escrita é trabalhada nas minhas aulas em algumas etapas. Além de eu trabalhar com os gêneros textuais em características e estruturas, trabalho com repertório. Isso significa que eu faço com que a produção textual seja ligada à leitura. Eu sempre trabalho a leitura em sala de aula e mostro para os alunos como ler um texto, como depreender as informações, como interpretá-las. A questão da leitura é essencial, a interpretação de texto é fundamental para a escrita e deixo sempre claro que quanto mais se lê, melhor se escreve.

Analizamos juntos alguns textos, vemos quais as formas adotadas nele e, por fim, cada um escreve o seu próprio texto. O principal problema que eu percebo nas redações que eles entregam é na parte da estruturação. Muitos deles têm repertório e muita coisa para falar mas, na hora de escrever, encontram dificuldade. Então eu trabalho bastante com a questão de fazer correções, aponto as inadequações e peço que reescrevam, porque assim eles trabalham em cima dos próprios textos e aprendem a modificar o que não ficou tão legal. Vejo bastante resultado nisso. Outra maneira que utilizo para trabalhar isso é trabalhar pedindo que eles reescrevam textos que não são deles. Dessa forma eles aprendem como é difícil mexer nas palavras dos outros, quando você precisa mudar algo, explico os problemas na escolha de alguns termos e sinônimos, algo que pode parecer simples, mas exige bastante atenção e cuidado.

Por fim mas não menos importante, é essencial deixar claro que eles precisam ter autonomia na hora de pensar e construir suas ideias, porque ninguém pode escrever uma redação por ninguém.”

A linguagem do corpo: os gestos e a dança

Você sabia que a **Língua Gestual Portuguesa** é uma das três línguas oficiais de Portugal? Aqui no Brasil, a **LIBRAS**, língua brasileira de sinais, é a língua utilizada pela maioria dos surdos dos centros urbanos brasileiros e reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão.

É importante saber que cada país tem sua própria estrutura de linguagem, que não depende apenas do alfabeto e que pode variar de região para região. Se na língua falada temos os sotaques e regionalismos, a linguagem gestual também conta com suas adaptações.

A Língua Brasileira de Sinais não funciona como uma simples gestualização do alfabeto. A comunicação através do gestual ocorre através da interpretação e das relações entre os elementos que compõem as frases. Sua principal diferença em relação à comunicação verbal propriamente dita entre pessoas ouvintes está em seu formato, que é visual-espacial e não através da emissão sonora.

Como toda língua, a LIBRAS também possui suas estruturas gramaticais e para se comunicar através dela é preciso conhecê-las para que a comunicação se estabeleça de forma correta e eficaz.

E não é apenas da linguagem gestual que vive a comunicação não verbal. O corpo também produz uma linguagem através da dança. Para o psicólogo Howard Gardner a dança é uma forma de inteligência cinestésica, uma habilidade que possuímos para resolver questões através do controle dos movimentos corporais. Conversamos um pouco sobre isso com a bailarina e professora de dança **Juliana Wisneski**, que fala sobre como percebe e trabalha a dança como uma linguagem com seus alunos.

“Eu trabalho muito com a faixa etária de 2 a 6 anos e nessa fase nós usamos muito o lúdico para ensinar o ballet. Essa é a fase em que nós mais estimulamos a expressão individualizada. As crianças ainda não sabem explicar verbalmente tudo o que elas estão sentindo, então conseguimos perceber muito delas através do jeito que elas se expressam na dança. Para trabalhar com essa idade, eu uso muito exercícios de relacionar um sentimento com a música que está tocando. Então eu coloco uma música mais devagar e elas geralmente relacionam com tristeza. As músicas mais rápidas elas falam que são alegres e as mais graves, geralmente, associam com o medo. Eu sempre pergunto para uma de cada vez, porque sempre tem pelo menos uma que sente algo diferente, e eu deixo claro que tudo bem ela não achar a mesma coisa que as outras, que isso é muito íntimo.

Depois que elas me contam o sentimento que elas relacionaram a música, eu falo pra elas dançarem de acordo com o que elas sentiram. Essa é a melhor parte, porque elas reagem a esses sentimentos e os demonstram de maneiras muito diferentes, algumas de forma mais literal, outras de forma mais metafórica, e é a partir disso que eu consigo montar as próximas aulas.

Com crianças maiores (8 a 10 anos) é um pouco mais difícil trabalhar a linguagem corporal. Elas têm mais vergonha de dançar e amam falar, então eu uso muito trabalho de mímica para ajudá-las a saltarem nesse quesito. Essas crianças já entendem melhor os sentimentos e ainda não conseguem controlá-los, então acontece de, após um determinado exercício, elas quererem contar algo que lembraram por causa da música ou até chorarem porque lembraram de algum acontecimento. Dependendo do caso, eu encorajo que elas contem a história com uma mímica para as colegas adivinharem.

*O ballet tem muito a questão da uniformidade (todas iguais, fazendo o mesmo movimento), mas mesmo assim nós conseguimos perceber que cada aluna tem o seu jeito e as suas particularidades. Uma bailarina que não tem um rosto expressivo, por exemplo, tem mais dificuldade de interpretar os papéis. Por isso trabalhamos desde pequenas a relação do sentimento com a música. Conforme elas vão crescendo e os passos vão ficando mais difíceis, elas tendem a esquecer as expressões e focam só no passo. **É nosso trabalho lembrar que a dança não é só a execução perfeita de um passo, mas sim a interpretação do personagem e a expressão dos sentimentos relacionados.***

Explorações audiovisuais

A linguagem audiovisual é composta por uma tríade de linguagens: verbal, sonora e visual que, conjugadas, transmitem a mensagem de uma outra maneira. Vivemos em um momento cada vez mais tecnológico e multimídia. Há alguns anos, todo o nosso contato com a comunicação audiovisual vinha do cinema ou da televisão. Hoje em dia, qualquer um que tem acesso à internet e uma câmera em casa pode trabalhar a comunicação dessa forma. Esse avanço vêm transformando o audiovisual em algo cada vez mais intrínseco nos nossos dias, tanto seu consumo quanto sua produção.

Bárbara Krauss fala sobre literatura na internet através do canal B de Barbárie, e ela nos contou um pouco sobre porque optou trabalhar com essa linguagem:

“Eu escolhi a plataforma de vídeo porque eu acredito que a linguagem falada conjugada com a imagem consegue explicar coisas mais complexas de um modo menos formal. Uma grande barreira que eu percebo que as pessoas que querem se adentrar no mundo da leitura encontram é o fato de que elas procuram conteúdo literário e acabam encontrando textos muito rebuscados, muito formais, que exigem um conhecimento prévio que elas ainda não adquiriram. O vídeo acaba sendo

mais acolhedor e vem desmistificando esse lugar, pois traz as pessoas mais para perto. O que eu busco através do meu conteúdo é justamente passar esse acolhimento, essa simplicidade, mesmo falando de assuntos que por vezes podem ser mais complicados. Acredito muito que o vídeo tem o poder de gerar um alto grau de identificação, porque a pessoa que assiste vê claramente que existe uma pessoa ali, e não uma persona por trás de um texto. Para mim, enquanto produtora, é um caminho de liberdade. Eu posso falar mais naturalmente, posso expressar minhas emoções. Já aconteceu de eu rir durante algumas resenhas, ou falar algumas gírias, e está tudo bem, sabe? Nada disso seria aceitável na comunicação puramente escrita.”

A Linguagem Digital

Em 1997 o escritor e especialista em tecnologia **Paul Gilster** lançou um livro chamado Digital Literacy, que em tradução literal para o português significa Alfabetização Digital. Nessa obra ele introduziu o conceito da alfabetização digital, que seria a habilidade de entender e usar as informações provenientes das diversas fontes digitais.

A alfabetização propriamente dita é o processo de aprendizado da linguagem escrita, e, atualmente, a linguagem digital vêm se tornando, cada vez mais, tão importante quanto. Gilster define as 4 principais competências que devem ser desenvolvidas em uma alfabetização digital. São elas a capacidade de buscar informações na internet, o conhecimento de navegação por meio de hipertextos, a habilidade para reunir informações e a capacidade de avaliar conteúdo.

Para além disso, a linguagem que está por trás de tudo o que vemos acontecer nas telas também vêm sendo cada vez mais desmistificada e apreendida. Conversamos com **Milena Martins**, que é formada em Letras e passou, a pouco, por uma transição de carreira, ao fazer um curso de programação. Parecem faculdades completamente opostas, mas, no fim das contas, são apenas diferentes linguagens.

“Eu não vejo uma linguagem de programação como um meio de expressão, mas é certamente uma forma de comunicação. Eu faço essa diferenciação porque para você se expressar exige uma subjetividade e nos códigos não podem ser subjetivos, já que eles são feitos para executar tarefas. Na linguagem de programação o objetivo não é a expressão, mas é importante se comunicar através dela, já que todo código que você escreve, necessariamente será lido pela máquina, que vai ler, interpretar e executar para que aquilo chegue ao interlocutor.

A profissão de programar pressupõe que você precisa utilizar essa linguagem e ser compreendida pelas outras pessoas que trabalham com isso e que precisarão lidar com o seu código. A linguagem tem que ser lida pela máquina e, também, por outros seres humanos, e esse é o limiar que, como linguista, eu acho mais interessante: o fato de que, enquanto sociedade, precisamos desenvolver

linguagem e nos organizar em volta desses sistemas e, não importa o quanto tenhamos caminhado e nos desenvolvidos, ainda precisamos nos sustentar através de sistemas de linguagem. Criamos linguagens artificiais que se comunicam através de uma máquina, sim, mas que são compreendidos por pessoas como se fossem linguagens naturais. As linguagens dos códigos também têm sintaxe e semântica, que precisaram ser reproduzidos das nossas linguagens naturais para que conseguíssemos compreendê-las e utilizá-las com eficiência. Elas são sínteses de nossas linguagens naturais, desdobramentos das linguagens que já conhecíamos.

Acho incrível observar que nós, enquanto sociedade, só conseguimos nos estruturar através de linguagem. Mesmo quando fazemos algo que é totalmente artificial, precisamos nos basear totalmente nos sistemas que já conhecemos.”

Por que o método VOA está de olho nisso?

A comunicação contribuirá para a resolução de problemas, à medida que possibilita a troca de informação. Essa troca pode ser promovida por diferentes meios de Linguagens: textos, símbolos, gestos, códigos e imagens. Seja na capacidade de estruturar e interpretar um texto para formalizar uma ideia, ou de uma sequência de símbolos numa fórmula matemática, ou de imagens numa mídia digital, o aluno capaz de se comunicar consegue resolver problemas melhor.

Na hora de avaliar seus alunos, repare se eles são:

- **Comunicativos:** conseguem, através de textos, gestos, códigos, símbolos ou imagens comunicarem uma ideia de forma clara
- **Originais:** se destacam por sua originalidade e coerência para estruturar um texto ou uma sequência de gestos, códigos, símbolos ou imagens que estabeleça uma comunicação efetiva com o interlocutor
- **Não comunicativos:** parecem ter dificuldades de estruturar uma sequência lógica de códigos, textos, gestos, símbolos ou imagens para comunicar uma ideia

Para finalizar...

É com base na linguagem que nos estruturamos enquanto sociedade, e podemos explorar e estimular a comunicação e a expressão dos nossos alunos de diversas maneiras.

A cada aspecto diferente que conversamos aqui nas **Perguntas do Zeca** entendemos mais ainda sobre a importância do desenvolvimento global das crianças e de uma educação que foque amplamente nas habilidades socioemocionais. Vamos aprender sobre isso juntos?